|  |  |
| --- | --- |
| Universidade São Judas Tadeu | **Prof. Luiz Eduardo P. Baronto***prof.luizbaronto@gmail.com* |

**DA LEITURA AO RESUMO**

**O TEXTO**

A palavra **texto** é proveniente do latim *textum*que significa **tecido.** Há, pois uma razão etimológica para que ele seja entendido como se fosse uma textura, ou seja, um entrecruzamento de frases, como os fios de um tecido. E tal como os fios de um tecido, essas frases são estanques, independentes, embora unidas entre si, produzindo significados diferentes, de acordo com o **contexto** em que estão inseridas. Daí a necessidade de se fazer um confronto entre todas as partes que compõem um texto, a fim de apreender o que está contido nas entrelinhas.

Tendo em vista que um texto não é uma simples reunião de frases isoladas, conclui-se que, para entender qualquer uma de suas passagens, é necessário confrontá-la com as demais partes que o compõem, pois, do contrário, pode-se chegar a um significado oposto ao que realmente ele tem. Por isso, deve-se levar sempre em conta o **contexto** em que está inserida a passagem lida.

**O CONTEXTO**

É a unidade linguística maior (conhecimento) na qual se encaixa uma unidade linguística menor (texto). Desse modo, uma frase se insere no contexto de uma oração, que se insere no contexto de um período, que se insere no contexto do parágrafo, que se insere no contexto do capitulo, que se insere no contexto de toda obra (o texto).

O contexto deve vir sempre **explicitado** linguisticamente ou então deve estar **implícito**, o que ocorre quando os elementos do enredo em que se produz o texto não necessitam de maiores esclarecimentos e dão como **pressuposto** o contexto em que ele está encaixado.

Uma boa leitura nunca pode basear-se em trechos isolados de um texto, porquanto o significado das partes é sempre determinado pelo contexto dentro do qual se situam. Assim, a leitura ideal deve apreender sempre o pronunciamento contido nas entrelinhas do texto e perceber a posição tomada pelo autor frente a uma questão qualquer.

**COMO LER E ENTENDER O TEXTO**

Frente a um texto, deve-se proceder a dois tipos de leitura: a **informativa** e a **interpretativa.**

Na **informativa**, há que se identificar, em primeiro lugar, a palavra-chave ou arquilexema de cada parágrafo e as palavras que estruturam as frases básicas da informação.

Já a leitura **interpretativa** exige que se tenha a capacidade de compreensão, análise e síntese das informações que se encontram nos diversos parágrafos do texto.

*LEITURA INFORMATIVA*

Sua finalidade é dar respostas a questões especificas e, para tanto, exige que a leitura seja **seletiva e crítica**.

***a) Leitura seletiva:***Para uma leitura seletiva, deve-se:

1. Procurar identificar, em cada parágrafo, a ideia-núcleo, pois é em torno dela que o autor desenvolve as ideias secundarias. A ideia-núcleo quase sempre se encontra no primeiro período do parágrafo e, raramente, no último.

**Exemplo com raciocínio dedutivo:**

Ao erguer suas taças de vinho, os povos antigos faziam uma oferenda simbólica aos deuses. Para saciar a sede das divindades, os romanos adotaram o hábito de derramar um pouco de bebida no chão – algo como o costume de dar um gole de cachaça “pro santo”, comum no Brasil. Além disso, o brinde selava o fim dos conflitos. O vencedor dava o primeiro gole para provar que não iria envenenar o adversário.

Observe-se que o texto começa com a ideia-núcleo: “Ao erguer suas taças de vinho, os povos antigos faziam uma oferenda simbólica aos deuses”. Essa ideia (uma generalização) constitui a base de tudo o que o autor relata no parágrafo. É conhecida como **tópico frasal** e, a partir dela, seguem-se as demais ideias, as secundárias (ou especificações). Quando o tópico frasal está no primeiro período, diz-se que o parágrafo é desenvolvido com raciocínio dedutivo. Quando no último, diz-se que e com raciocínio indutivo.

**Exemplo com raciocínio indutivo:**

Maconha é crime, mas cigarros podem ser facilmente comprados no supermercado. Tranquilizantes precisam de receita médica, embora qualquer um possa relaxar com o álcool na festinha de batizado. Álcool e fumo são vendidos e consumidos no Brasil com facilidades banidas nos países desenvolvidos. O efeito dessa liberalidade é devastador. As drogas legais viciam, causam doenças, separam famílias e constituem graves problemas sociais e de saúde publica. O Brasil sofre no paradoxo das drogas legalizadas.

O autor iniciou o texto com as especificações (ideias secundarias), deixando a generalização (ideia principal) para o último período do parágrafo: “O Brasil sofre no paradoxo das drogas legalizadas”. É, pois, raciocínio indutivo.

2. Selecionar, na continuidade do texto, os tópicos frasais de cada um dos parágrafos. Ao fazer essa seleção obtém-se a síntese ou o resumo do texto.

***b) Leitura crítica:*** É necessário que o leitor tenha uma visão que abarque todo o assunto que está em pauta. A leitura crítica exige o conhecimento da pertinência dos conteúdos do texto, com base no ponto de vista do autor, e não do leitor, e a relação contida entre esse ponto de vista e os tópicos frasais. Com isso, observa-se a subordinação entre a ideia principal e as que a subsidiam.

**LEITURA INTERPRETATIVA**

Exige, em primeiro lugar, que se tenha o domínio da leitura informativa, e, a seguir, que o leitor domine as seguintes capacidades:

1. **Compreensão global do texto –** o leitor deve entender a mensagem literal contida no texto, isto é, a ideia central, o objetivo, a tese defendida, o ponto de vista e a postura ideológica do autor.
2. **Análise do texto –** e a capacidade de saber decompor um texto em suas diferentes partes, partindo do tópico frasal de cada parágrafo e verificando a sua relação com o contexto.
3. **Síntese do texto –** e a reconstituição do texto já decomposto pela análise, eliminando-se o supérfluo, com fixação no essencial.

**EXERCÍCIO**

**Os sonhos dos adolescentes**
Se tivesse que comparar os jovens de hoje com os de dez ou vinte anos atrás, resumiria assim: eles sonham pequeno. É curioso, pois, pelo exemplo de pais, parentes e vizinhos, nossos jovens sabem que sua origem não fecha seu destino: sua vida não tem que acontecer necessariamente no lugar onde nasceram, sua profissão não tem que ser a continuação da de seus pais. Pelo acesso a uma proliferação extraordinária de ficções e informações, eles conhecem uma pluralidade inédita de vidas possíveis.

Apesar disso, em regra, os adolescentes e os pré-adolescentes de hoje têm devaneios sobre seu futuro muito parecidos com a vida da gente: eles sonham com um dia-a-dia que, para nós, adultos, não é sonho algum, mas o resultado (mais ou menos resignado) de compromissos e frustrações. Eles são "razoáveis": seu sonho é um ajuste entre suas aspirações heroico-ecológicas e as "necessidades" concretas (segurança do emprego, plano de saúde e aposentadoria). Alguém dirá: melhor lidar com adolescentes tranquilos do que com rebeldes sem causa, não é? Pode ser, mas, seja qual for a qualidade dos professores, a escola desperta interesse quando carrega consigo uma promessa de futuro: estudem para ter uma vida mais próxima de seus sonhos. É bom que a escola não responda apenas à "dura realidade" do mercado de
trabalho, mas também (talvez, sobretudo) aos devaneios de seus estudantes; sem isso, qual seria sua promessa? "Estude para se conformar"? Consequência: a escola é sempre desinteressante para quem para de sonhar.

É possível que, por sua própria presença maciça em nossas telas, as ficções tenham perdido sua função essencial e sejam contempladas não como um repertório arrebatador de vidas possíveis, mas como um caleidoscópio para alegrar os olhos, um simples entretenimento. Os heróis percorrem o mundo matando dragões, defendendo causas e encontrando amores solares, mas eles não nos inspiram: eles nos divertem, enquanto, comportadamente, aspiramos a um churrasco no domingo e a uma cerveja com os amigos. É também possível (sem contradizer a hipótese anterior) que os adultos não saibam mais sonhar muito além de seu nariz. Ora, a capacidade de os adolescentes inventarem seu futuro depende dos sonhos aos quais nós renunciamos. Pode ser que, quando eles procuram, nas entrelinhas de nossas
falas, as aspirações das quais desistimos, eles se deparem apenas com versões melhoradas da mesma vida acomodada que, mal ou bem, conseguimos arrumar. Cada época tem os adolescentes que merece.

Adaptado de Contardo Calligaris. Folha de S. Paulo, 11/01/07

**1. O autor considera que falta aos jovens de hoje:**
(A) um mínimo de discernimento entre o que é real e o que é puro devaneio.
(B) uma confiança maior nas promessas de futuro acenadas pelo mercado de trabalho.
(C) a inspiração para viver que lhes oferecem os que descartaram as idealizações.
(D) a aspiração de perseguir a realização dos sonhos pessoais mais arrojados.
(E) a disposição de se tornarem capazes de usufruir a estabilidade profissional.

**2. Atente para as seguintes afirmações:**
I. As múltiplas ficções e informações que circulam no mundo de hoje impedem que os jovens formulem seus projetos levando em conta um parâmetro mais realista.
II. As escolas deveriam ser mais consequentes diante da dura realidade do mercado de trabalho e estimular os jovens a serem mais razoáveis em seus sonhos.
III. As ficções que proliferam em nossas telas são assimiladas como divertimento inconsequente, e não como sinalização inspiradora de uma pluralidade de vidas possíveis.

**Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:**
(A) I, II e III.
(B) I e II, apenas.
(C) III, apenas.
(D) II, apenas.
(E) I, apenas.

**3. No segundo parágrafo, ao estabelecer uma relação entre os jovens e os adultos de hoje, o autor faz ver que:**
(A) os sonhos continuam sendo os mesmos, para uns e para outros.
(B) os adultos, quando jovens, eram mais conservadores que os jovens de hoje.
(C) os jovens esperam muito mais do que os adultos já obtiveram.
(D) o patamar de realização de vida atingido pelos adultos tornou-se uma meta para os jovens.
(E) a resignação dos adultos constitui a razão de frustração dos jovens.

**4. A expressão hipótese anterior, que surge entre parênteses, faz referência à seguinte passagem do texto:**
(A) É possível que (...) as ficções tenham perdido sua função essencial.
(B) Consequência: a escola é sempre desinteressante para quem para de sonhar.
(C) Pode ser que (...) eles se deparem apenas com versões melhoradas da mesma vida (...)
(D) Ora, a capacidade de os adolescentes inventarem seu futuro depende dos sonhos aos quais nós renunciamos.
(E) (...) seja qual for a qualidade dos professores, a escola desperta interesse quando carrega consigo uma promessa de futuro (...).

**5. Certa impropriedade que se verifica no uso da expressão nas entrelinhas das nossas falas poderia ser evitada, sem prejuízo para o sentido pretendido, caso o autor a tivesse substituído por:**
(A) entre os parênteses das nossas conversas.
(B) no que não se explicita em nossas palavras.
(C) nas assumidas reticências do nosso estilo.
(D) na falta de ênfase de nossas declarações.
(E) no que não se sublinha em nossos discursos.

**COMO LER, SUBLINHAR E RESUMIR TEXTOS INFORMATIVOS**

Às vésperas de uma prova, muitos ficam parados diante de um texto por horas. Leem, leem, leem e parece que nada entra na cabeça...

Os textos universitários têm certas características que fazem a sua leitura diferente de outras. Para facilitar a leitura desses gêneros textuais, podemos desenvolver determinadas estratégias de leitura que permitirão compreender o texto científico e obter as informações nele contidas.

 **1.º Determine o objetivo da leitura:** Antes de começar a ler, pense no motivo que o levou a isso: Ler um artigo de esportes para saber como o seu time se saiu no último jogo é muito diferente de ler o mesmo artigo para observar as características de uma personagem e atentar para os adjetivos utilizados pelo autor. Ao identificar o objetivo que o faz ler o texto, você poderá selecionar melhor e mais rapidamente as informações que lhe interessam.

 **2.º Estabeleça um contato geral:** Faça uma primeira leitura sem qualquer interrupção. Neste caso, a sua finalidade é a de estabelecer um primeiro contato com o texto. Não anote nada, nem faça pausas, a fim de que não perca a ideia geral. Essa leitura panorâmica permite perceber as partes do texto.

 **3.º Resolva os problemas de vocabulário:** Sublinhe as palavras desconhecidas e recorra ao dicionário para compreender o seu aparecimento naquele texto. Normalmente poderá usar um dicionário geral da língua portuguesa. Se os termos forem técnicos, provavelmente, você terá de recorrer a um dicionário especializado.

 **4.º Obtenha as palavras-chaves:** Divida o texto em partes. Elas podem coincidir com o parágrafo ou podem ser formadas por um grupo de parágrafos. Assinale as palavras fundamentais de cada uma dessas partes.

 **4.º Obtenha as ideias-chaves:** Sublinhe as ideias fundamentais do texto, seguindo um critério de acordo com o seu objetivo de leitura . Não adianta sublinhar tudo ou apenas palavras soltas. Uma sugestão: sublinhe os verbos das ideias que considerar como chaves, em seguida encontre os sujeitos desses verbos e os objetos e outros complementos indispensáveis à compreensão. O texto bem sublinhado funciona como um esqueleto, uma estrutura da mensagem que se pretende assimilar.

 **5.º Obtenha as frases-resumo:** Construa, escrevendo de sua maneira, uma frase objetiva que traduza a ideia sublinhada. Se as frases resumo forem muito longas será mais difícil de efetuar o seu trabalho. Evite incluir exemplos em suas frases -resumo.

A seguir, vamos exemplificar este processo em um texto de Paul Teyssier, professor da Universidade de Sorbonne, em Paris. Foi traduzido por Celso Cunha, uma das maiores autoridades no estudo da Língua Portuguesa. O objetivo é avançarmos na compreensão de como surgiu a Língua Portuguesa. Esse é o nosso objetivo de leitura: compreender como o latim foi evoluindo, na Península Ibérica, com o passar do tempo até fazer surgir o português.

 *A romanização da Península Ibérica*

Os romanos desembarcam na Península no ano 218 a.C. A sua chegada constitui um dos episódios da Segunda Guerra Púnica. Dão cabo dos cartagineses no ano de 209 e empreendem, então, a conquista do país. Todos os povos da Península, com exceção dos bascos, adotam o latim como língua e, mais tarde, todos abraça­rão o cristianismo.

A Península é inicialmente dividida em duas provín­cias (ver mapa 1), a Hispânia Citerior (a região nor­deste) e a Hispânia Ulterior (a região sudoeste). No ano 27 a.C., Augusto divide a Hispânia Ulterior em duas pro­víncias: a Lusitânia, ao norte do Guadiana, e a Bética, ao sul. Posteriormente, entre 7 a.C. e 2 a.C., a parte da Lusitânia situada ao norte do Douro, chamada *Gallaecia*, é anexada à província tarraconense (a antiga Hispânia Citerior). Cada província subdivide-se num determinado número de circunscrições judiciárias chamadas *conven­tus.* Um exame rápido do mapa 1 mostra que o atual terri­tório da Galícia espanhola e de Portugal corresponde, aproximadamente, a quatro desses *conventus* ― os de Lucus Augustus (Lugo), de Bracara (Braga), de Scalabis (Santarém) e de Pax Augusta (Beja). A área linguística do que virá a ser o galego e o português delineia-se, pois, desde a época romana, no mapa administrativo do Oci­dente peninsular.

Nesse território, assim definido, a romanização fez-se de maneira mais rápida e completa no Sul do que no Norte. Os gallaeci, em particular, que habitavam a zona mais setentrional, se comparados aos outros povos, conservaram por mais tempo elementos da sua própria cultura.

(TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, p. 3-8, 2001.)

 Após estabelecido o objetivo de leitura do texto e feita leitura de contato geral, é a vez de procurarmos no textos palavras que apresentem dificuldades de compreensão. De nossa leitura, fizemos uma lista das palavras que apresentaram algum grau de dificuldade para nós. Para encontrar as respostas, tivemos que recorrer a diferentes fontes em obras de referência (dicionários e enciclopédias). A lista de palavras é esta:

* *Guerras Púnicas.* O texto faz referência à segunda guerra púnica (218 –208 aC) quando houve a invasão da Itália e a Gália. Este foi um dos momentos da longa rivalidade entre romanos e cartagineses que durou quase um século e teve como desfecho a destruição total de Cartago .
1. *Cartagineses.* Habitantes de Cartago, cidade no norte da África , fundada pelos fenícios no século VII aC. Teve colônias na Sicília e na Gália e estas foram as causas das Guerras púnicas. A cidade foi destruída pelos romanos e as palavras *Delenda Cartago* (destruam Cartago) do senador romano Catão se cumpriram
2. *Bascos*. Os habitantes da região que agrupa territórios ao norte da França e da Espanha e tem como idioma o basco. Não se sabe ainda a origem dessa língua.
3. *Província*. Os romanos ao construir o seu império anexavam países e cidades conquistadas e para governar essas regiões, enviavam um procônsul . Todas as regiões conquistadas eram chamadas de províncias. Até o Egito passou a ser uma província de Roma.
4. *Romanização*. Processo usado pelos conquistadores romanos que levaram as leis, a administração, o idioma e a cultura para todas as regiões conquistadas. Nesse processo, Roma também fez a expansão do cristianismo. Os povos conquistados adotaram, nesse processo, as características da civilização romana.
5. *Setentrional*. É o que está localizado ao Norte, relativo ao pólo Norte.

O próximo passo é encontrar as ideias-chaves de cada uma das partes em que dividimos o texto. Como o texto com que estamos trabalhando é muito pequeno, nós fizemos coincidir cada parte com um parágrafo, mas isso não é obrigatório. Temos, assim, três partes a que correspondem três ideias-chaves:

1ª ideia-chave:

Os romanos desembarcam na Península no ano 218 a.C. A sua chegada constitui um dos episódios da Segunda Guerra Púnica. Dão cabo dos cartagineses no ano de 209 e empreendem, então, a conquista do país. Todos os povos da Península, com exceção dos bascos, adotam o latim como língua e, mais tarde, todos abraça­rão o cristianismo.

frases-resumo da 1ª ideia-chave: **Os romanos chegam à Península Ibérica em 218 a .C. Os povos da Península adotam o latim como língua, exceto os bascos.**

2ª ideia- chave:

A Península é inicialmente dividida em duas provín­cias (ver mapa 1), a Hispânia Citerior (a região nor­deste) e a Hispânia Ulterior (a região sudoeste). No ano 27 a.C., Augusto divide a HispÂnia Ulterior em duas pro­víncias: a Lusitânia, ao norte do Guadiana, e a Bética, ao sul. Posteriormente, entre 7 a.C. e 2 a.C., a parte da Lusitânia situada ao norte do Douro, chamada Gallaecia, é anexada à província tarraconense (a antiga Hispânia Citerior). Cada província subdivide-se num determinado número de circunscrições judiciárias chamadas *conven­tus.* Um exame rápido do mapa 1 mostra que o atual terri­tório da Galícia espanhola e de Portugal corresponde, aproximadamente, a quatro desses *conventus* ― os de Lucus Augustus (Lugo), de Bracara (Braga), de Scalabis (Santarém) e de Pax Augusta (Beja). A área linguística do que virá a ser o galego e o português delineia-se, pois, desde a época romana, no mapa administrativo do Oci­dente peninsular:

frases-resumo da 2ª ideia-chave: **A Península é dividida inicialmente em duas províncias: Hispânia Citerior e Hispânia Ulterior, essa última depois dividida em Bética e Lusitânia. Cada província subdivide-se em conventus (circunscrições judiciárias). Lucus Augustus, Bracara, Scalabis e Pax Augusta são os conventus a que corresponde aproximadamente o atual território galego e português**.

3ª ideia- chave:

Nesse território, assim definido, a romanização fez-se de maneira mais rápida e completa no Sul do que no Norte. Os gallaeci, em particular, que habitavam a zona mais setentrional, se comparados aos outros povos, conservaram por mais tempo elementos da sua própria cultura.

frases-resumo da 3ª ideia-chave: **A romanização foi mais bem sucedida no Sul do que no Norte. Os *gallaeci* conservaram por mais tempo elementos da sua própria cultura**.

O resultado final? Bem, o nosso resumo ficaria assim:

**Os romanos chegam à Península Ibérica em 218 a. C. Os povos da Península adotam o latim como língua, exceto os bascos. A Península é dividida inicialmente em duas províncias: Hispânia Citerior e Hispânia Ulterior, essa última depois dividida em Bética e Lusitânia. Cada província subdivide-se em conventus (circunscrições judiciárias). Os conventus de Lucus Augustus, Bracara, Scalabis e Pax Augusta correspondem aproximadamente ao atual território galego e português. A romanização foi mais bem sucedida no Sul do que no Norte. Os gallaeci conservaram por mais tempo elementos da sua própria cultura.**

**EXERCÍCIO:**

Seguindo as estratégias apresentadas, resuma o texto abaixo:

 **Lendo e argumentando**

Ninguém chega à escrita sem antes ter passado pela leitura. Mas leitura aqui não significa somente a capacidade de juntar letras, palavras, frases. Ler é muito mais que isso. É compreender a forma como está tecido o texto. Ultrapassar sua superfície e inferir da leitura seu sentido maior, que muitas vezes passa despercebido a uma grande maioria de leitores. Só uma relação mais estreita do leitor com o texto lhe dará esse sentido. Ler bem exige tanta habilidade quanto escrever bem. Leitura e escrita complementam-se. Lendo textos bem estruturados, podemos apreender os procedimentos linguísticos necessários a uma boa redação.

Numa primeira leitura, temos sempre uma noção muito vaga do que o autor quis dizer. Uma leitura bem feita é aquela capaz de depreender de um texto ou de um livro a informação essencial. Para isso, é preciso ter pistas seguras para localizá-­la. Uma boa estratégia é buscar as palavras mais importantes de cada parágrafo. Elas constituirão as palavras-chave do texto, em torno das quais as outras se organizam e criam um intercâmbio de significação para produzirem sentidos.

As palavras-chave formam um centro de expansão que constitui o alicerce do texto. Tudo deve ajustar-se a elas de forma precisa. A tarefa do leitor é detectá-las, a fim de realizar uma leitura capaz de dar conta da totalidade do texto.

Por adquirir tal importância na arquitetura textual, as palavras-chave normal­mente aparecem ao longo de todo o texto das mais variadas formas: repetidas, modi­ficadas, retomadas por sinônimos. Elas pavimentam o caminho da leitura, levando-nos a compreender melhor o texto. Além disso, fornecem a pista para uma leitura reconstrutiva porque nos levam à essência da informação.

VIANA, Antonio Carlos (coord.) (1999). Roteiro de redação: Lendo e argumentando. São Paulo: Scipione.

**OUTRA ESTRATÉGIA DE COMPREENSÃO DE TEXTO**

Leia o texto a seguir, considerando as estratégias de leitura observadas no exercício 1.

**Da arte brasileira de ler o que não está escrito**

***Cláudio de Moura e Castro***

(Veja, 08/10/1997)

Terminando os poucos anos de escola oferecidos em seu vilarejo nas montanhas do Líbano, o jovem Wadi Haddad foi mandado para Beirute para continuar sua educação. Ao vê-lo ausente de casa por um par de anos, a vizinha aproximou-se cautelosa de sua mãe, jurou sua amizade à família e perguntou se havia algum problema com o rapaz. Se todos os seus coleguinhas aprenderam a ler, por que ele continuava na escola? Anos depois, Wadi organizou a famosa Conferência de Jontiem, "Educação para Todos", mas isso é outro assunto. Para a vizinha libanesa, há os que sabem ler e há os que não sabem. Não lhe ocorre que há níveis diferentes de compreensão. Mas infelizmente temos todos o vício de subestimar as dificuldades na arte de ler, ou, melhor dito, na arte de entender o que foi lido. Saiu da escola, sabe ler.

O ensaio de hoje é sobre cartas que recebi dos leitores de VEJA, algumas generosas, outras iradas. Não tento rebater críticas, pois minhas farpas atingem também cartas elogiosas. Falo da arte da leitura. É preocupante ver a liberdade com que alguns leitores interpretam os textos. Muitos se rebelam com o que eu não disse (jamais defendi o sistema de saúde americano). Outros comentam opiniões que não expressei e nem tenho (não sou contra a universidade pública ou a pesquisa). Há os que adivinham as entrelinhas, ignorando as linhas. Indignam-se com o que acham que eu quis dizer, e não com o que eu disse. Alguns decretam que o autor é um horrendo neoliberal e decidem que ele pensa assim ou assado sobre o assunto, mesmo que o texto diga o contrário.

Não generalizo sobre as epístolas recebidas algumas de lógica modelar. Tampouco é errado ou condenável passar a ilações sobre o autor ou sobre as consequências do que está dizendo. Mas nada disso pode passar por cima do que está escrito e da sua lógica. Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos. Sem uma correta participação da opinião pública educada, dificilmente nos encaminharemos para uma solução. Mas a discussão só avança se a lógica não for afogada pela indignação.

Vale a pena ilustrar esse tipo de leitura com os comentários a um ensaio sobre nosso sistema de saúde (abril de 1997). A essência do ensaio era a inviabilidade econômica e fiscal do sistema preconizado pela Constituição. Lantejoulas e meandros à parte, o ensaio afirmava que a operação de um sistema de saúde gratuito, integral e universal consumiria uma fração do PIB que, de tão alta (até 40%), seria de implantação inverossímil.

Ninguém é obrigado a aceitar essa afirmativa. Mas a lógica impõe quais são as possibilidades de discordar. Para destruir os argumentos, ou se mostra que é viável gastar 40% do PIB com saúde ou é necessário demonstrar que as contas que fiz com André Medici estão erradas. Números equivocados, erros de conta, hipóteses falsas, há muitas fontes possíveis de erro. Mas a lógica do ensaio faz com que só se possa rebatê-lo nos seus próprios termos, isto é, nas contas.

Curiosamente, grande parte das cartas recebidas passou por cima desse imperativo lógico. Fui xingado de malvado e desalmado por uns. Outros fuzilaram o que inferem ser minha ideologia. Os que gostaram crucificaram as autoridades por negar aos necessitados acesso à saúde (igualmente equivocados, pois o ensaio crítica as regras e não as inevitáveis consequências de sua aplicação). Meus comentaristas escrevem corretamente, não pecam contra a ortografia, as crases comparecem assiduamente e a sintaxe não é imolada. Contudo, alguns não sabem ler. Sua imaginação criativa não se detém sobre a aborrecida lógica do texto. É a vitória da semiótica sobre a semântica.

**Exercício de compreensão e resumo**

1. Realize uma leitura global do texto, identifique as informações apontadas abaixo e organize-as, usando apenas expressões ou tópicos.
2. O assunto
3. A questão central
4. O ponto de vista do autor do texto em relação ao assunto tratado.
5. As informações essenciais para caracterizar a questão central do texto
6. Realize mais uma leitura global do texto e selecione as seguintes informações:
7. Um comentário do autor
8. Uma explicação
9. Uma justificativa de uma afirmação feita
10. Um exemplo
11. Uma informação complementar
12. Elabore um resumo a partir das informações obtidas no exercício

**EXERCÍCIO**

**Ler ou não ler? Eis a questão...**

O brasileiro não lê porque o livro é caro? Errado. O brasileiro não lê porque não o acostumaram a ler. O preço do CD é equivalente ao do livro e, no entanto, vendem-se CDs aos milhões enquanto que uma edição de sucesso de uma obra literária, não ultrapassa, em média, três mil exemplares. Não podemos esquecer também das bibliotecas onde um livro não custa nada, basta retirá-lo, além dos "sebos", livrarias de livros usados, onde se pode adquirir raridades por preço de banana.

Na verdade, a grande maioria dos brasileiros não lê porque na escola não o ensinaram a ler, no sentido mais profundo da palavra, ou seja, apreender o que está escrito, refletir, questionar, "viajar" com um texto. (...)

A indústria da educação brasileira ensina apenas para o aluno passar no vestibular. A formação humanística, a compreensão do mundo através de sua história, não está em questão. A questão é "passar ou passar", ou seja, competir e ganhar a corrida para a glória do canudo universitário. A leitura deveria ser passada para a criança e os adolescentes como uma busca, uma ação lúdica e prazerosa, que pode perfeitamente substituir com igual grau de prazer uma ida ao cinema, um dia na praia ou um churrasco no sítio, sem qualquer remorso.

Todos aqueles que já descobriram o prazer da leitura, o gosto de elaborar, ele mesmo, o "seu" personagem, a "sua" paisagem, voltar a página e emocionar-se de novo com aquelas cenas que mais os tocaram, jamais abrirão mão dessa "descoberta". É um vírus que, uma vez contraído, não tem mais cura. É um não acabar mais de descobrir; uma leitura vai sempre remetendo a outra e a vida torna-se tão curta para tanto livro a ser lido.

Só mesmo o portador desse vírus sabe avaliar a diferença entre a "viagem" da leitura e a cena dada pronta, como a daquela via TV. Assistir TV é cômodo e chega a ser hipnótico. Não há participação de quem está do lado de cá, o espectador é passivo, recebe o prato feito, não tem possibilidade de criar, de imaginar, de "viajar". A cena que ele está vendo é só aquela cena, a mesma cena que outros milhões de telespectadores também estão vendo. Ao passo que, no ato de ler a mesma página de um livro, um mesmo poema que tantos outros já leram, entra em jogo o nosso poder de imaginar, de recriar, próprio do ser humano e que os meios de comunicação de massa encarregaram-se de destruir. (...)

(VERAS, Dalila Teles. Disponível em <www.terravista.pt/ancora/2367>. Acesso em 15 de janeiro de 2007).

**A PARTIR DA LEITURA DO TEXTO PREENCHA O QUADRO ABAIXO E ELABORE O RESUMO**

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| **Parágr** | **PALAVRAS-CHAVES** | **IDEIAS-CHAVES** | **IDEIAS SECUNDÁRIAS** |
| **1** |  |  |  |
| **2** |  |  |  |
| **3** |  |  |  |
| **4** |  |  |  |
| **5** |  |  |  |